

O
CARAPUCEIRO

03 DE NOVEMBRO
DE 1832



O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis,
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardare nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERN. POR J. N. DE MELLO NA TYP. FID., R. DAS FLORES N. 17.—1831.

O QUE HE VIVER DAS SUAS AGENCIAS.

Antes que entre nesta materia vesta, quero agradecer a os meus mui' guapos, e respeitaveis Subscriptores, e mais Leitores extranumerarios o bom cobre, com que de certos tempos para cá satisfasem as assignaturas do pequeno Carapuceiro. Agora sim já faz algum gosto escrever; pois que a enxorrada do enanchãa vai passando, e já hum pobre Redactor vai vendo mais claro á luz do dilheiro *candéa*, que permitta Deos nunca se apague: mas ainda assim, muito resta a faser a respeito da moeda, ou meio circulante; e o senhor nos não leve para si sem vermos acabar as encomodissimas balancinhas. Está concluído o episodio: vamos ás agencias.

Desde que Adão pecou (por culpa da Senhora Eva, que Deos haja, e esta por lograções de huma serpente) elle, e toda a sua descendencia sem distincção de cores, climas, ou nascimentos foraõ sentenciados, até a data desta, a trabalharem para comer, beber, e vestir, e o Supremo Arquiteto do Universo, como para corroborar o preceitõ com o exemplo, quiz, que toda a Natureza não prehencesse as suas funcções, não ultimasse as suas obras, se não por meio do trabalho. O sol he o trabalhador mór da creação: elle não existe guadado no firmamento, como hum vadio nos bancos de hum botiquim; porém está sempre voltando-se sobre o seu eixo, á maneira de hum londum chorado, e peneirado, além das embigadas, que vai

dando ora n'hum carneiro, ora n'hum carangueijo, ora n'hum lacrau, e outros bixos, que vai topando no circulo do seu *Miutinho*, chamado Zodiaco, nome tao conhecido, que até vem na Cartilha do Padre Mestre Ignacio. A Senhora Terra, esta mesma terra, que nos dá de comer, e nos hade comer, não pára hum só minuto, mechendo-se e remechendo-se continuamente em torno do sol, verdade hoje demonstrada; mas que custou bem cara a hum certo filosofo de nome embirraute; por que chamava-se Galileu, de sorte que não sei, se pelo nome, que cheira a cousa da Judéa, ou se pela prodigiosa ignorancia, e fanatismo da Curia Romana, trancafiarad o pobre Jabuzeo, ou Galileu nas masmorras da Sancta Inquisição, que era hum tribunal admiravel, tirado mesmo das entranhas de N. S. Jezus Christo.

Os mares não socegaõ: com o seu fluxo, e refluxo conservaõ o equilibrio das agoas, e vindo a os saltinhos lá de longe ao som dos pandeiros de Eolo (que bello cabeçalho para huma Ode!) pregaõ por essas praias, filhas de Jerusalem, embigadas mais estrepitosas, do que os negros, e negras nos seus *Mercatudos*. As arvores, que parecem tao quietas, são sonsas, á maneira de certas Meninas, que quando se dança, na sala, ellas estão rebolando o lordum lá para dentro, e até na cozinha. Sim as mesmas arvores não estão occiosas: ellas dilataõ as suas veas para receberem da terra, e da athmosfera o suco nutriente; ellas tambem tem seus tempos de gamentice, humas machos, outras femeas, e algu-

mas há hermafroditas, que quer dizer. (Eu fallo com os capotes) *macha-femea*; e já se sabe, que onde há sexos differentes, deve de haver muita estrallada.

Se lançamos os olhos para os irracionaes, nunca os veremos madraços, e calaceiros. O passarinho, a penas assomado os primeiros alvares da madrugada, começa a pipillar no agazalhado ninho; e d'ahi a pouco atira-se a os ares, requebra-se em cantos de alegria, como que entoia hymnos ao Creador, e vai fazer pela vida; o tardo boi lá se ergue, e já procura a erva. A natureza em fim he hum grande laboratorio, em que todos trabalhão, huns entes para os outros, e todos para si mesmos. Só no Rei da creação, só na especie humana encontraõ-se individuos, que vivem na occiosidade, e querem comer sem trabalhar. Desta classe, parazyta da sociedade sociedade, he que nas comoções, e mudanças politicas abrolhaõ os anarquistas, bando de arpias, que envenenaõ as reformas mais necessarias, as medidas mais bem temperadas. Desta classe he, que sáhem os anniveladores, que a fim de pôr tudo do tamanho da sua propria incapacidade, querem, que o sabio não se distinga do ignorante, o rico laborioso do pobre vadio, e garanhaõ, o ancião experimentado do moço turbulento, e fogoso, o mestre do discipulo, o pai do filho, o amo do servo, o homem verdadeiro, e honrado do bilhostre mentiroso, e caloteiro, a Senhora pudibunda, e honesta da rascôa despejada, e lubrica, a polidez da grossaria, a virtude do vicio.

Cada vez me convenço mais do

quanto he neccessaria a precisão dos termos. As palavras materialmente consideradas não são mais, do que sons articulados, e como taes toda a sua perfeição cifra-se em serem mais ou menos asperas, mais ou menos sonoras, mais, ou menos syllabicas, mais, ou menos conformes para exprimir os sons, que queremos, dos differentes objectos: mas as palavras, formalmente tomadas, são os sinaes das nossas ideas, e tanto mais claras, e distinctas serão estas, quanto aquelles forem mais bem determinados, e precisos. Da monstruosa, e muitas vezes contraria accepção dos termos tem resultado á sociedade humana males incalculaveis, mórmente o transtorno das mais preciosas maximas da Moral.

Que idéa, por ex., se liga ordinariamente a palavra *Amigo*? Nós costumamos profanar este titulo sagrado, dando-o a qualquer malandrino, e chamamos Amigo ao sujeito, que janta á nossa mesa, o que joga, e passêa connosco; o que nos pede dinheiro emprestado; o que acompanha as riosas mulheres ao passeio, e ao theatro (se ellas são bonitas), e que foge da nossa presença, logo que nos vê em algum afortunio. Mas qual he a força do termo *Amigo* em sua rigorosa accepção? He aquelle, que na prosperidade nos admoesta á cêrca dos nossos defeitos, e nos tempos adversos nos soccorre, ajuda, e consola com quanto tem, e quanto pode. Assim a palavra *agencia* foi encaixada no vocabulario dos vadios para encapotar velhacos de todas as classes, e tamanhos.

Vejo, *verbi gratia*, hum sujeitoinho todo lepidio, muito asseado, muito casquilho, jogando bem, namorando melhor, passeando *in æternum et ultra*, politicando, que faz cahir o queixo, legislando, melhor, que Licurgo, sentenciando mais sabiamente, que Numa: elle he o cravinho das Moças, a alma das partidas, o — A-la-mi-ré — das rugas; porque ali vão tomar o tom; o oraculo dos cafés, o telegrafo das esquinas. Que estado, ou profissão tem este cavalheiro? (pergunto logo a algum curioso; e este me responde á puridade, isto he; ao ouvido. — Elle não tem officio, nem beneficio. Então de que vive essa joia? (replico eu). Não sei (torna-me o socarraõ): cuida, que vive das suas *agencias*.

Agencias? Oh! palavra magica! Oh! expressão prodigiosa! Tanta virtude não tiverão de certo o Abacadraba dos Tartaros, o Talismã dos Arabes, o Paladio de Troia, as Ancilias dos Romanos, a famosa Estatua de Memnon, o Anel de Gyges, os da Ilha de Samothracia, o Escorpião de bronze de Apolonio Thianeo, os Braceletes dos Zipangos, o sapo de Antioquia, o Anel de Eleazaro, nem o mesmo *Tibi* na bocca dos matutos, fraze desinfectadora de todas as pulhas.

Quem deo tanto anelão a aquelle gamenho, que parece, tem aberto nos dedos hum escaparate, ou taboleta de ourives, e que traz as mãos arreganhadas, como quem tem sarnas para que não haja cão, nem gato, que de m'êa legoa lhe não esteja lobrigando os aneis? He negociante? He lavrador? He Medico,

Cirurgião, ou Boticário? He Empregado Publico? He Ministro, Escrivão, Letrado, Procurador? Pois nem Meirinho he? Será sapateiro, Alfaiate, Marcineiro, Pedreiro, Ferreiro, etc. etc.? Nada disto he. Será Morgado? Muito menos. Herdou grosso cabedal? Nem hum vintem. Tirou alguma sorte de Lotaria? Nada. Cazou com viuva rica, velha, e gaiteira, que apesar de passar a segundas nupcias, vive sempre lamentando as bondades do seu defunto? Nem destas mesmas o querem. Fallou com almas de noite, que lhe ensinárao algum thezouro escondido? Não; porque está bem nédio, rubicundo, e luzidio; e minha Avó sempre me dizia, que quem humavez fallava com almas do outro mundo ou tinha a desgraça de correr fado, isto he; de ser lubis-homem, todo o resto da sua vida ficava assarapantado, arripiado, e amarello. Pois de que vive este boneco? Das suas agencias. Donde lhe vem tanto dinheiro? Das suas agencias. Quem lhe dá para trajar faustosamente, para jogar, para sustentar Ninfas, etc. etc.? As suas agencias.

Lá se me antolha hum especie de Lord, que no fausto do seu tractamento mal se distingue de hum Principe. He verdade, que elle teve grande herança; mas tudo desbaratou, e consumo: deve o que não possue, arrotta cabedães, e grandezas; porém de que vive agora esse empofia? Das suas agencias. Outro mette-se com os Sanctos, que não fallão, nem se queixão; leva os dias em negocios, e enredadas de Irmandades, e Ordens Terceiras; e com as suas agencias vai passando a vida.

Mas se não fôra todo esse esquadrão de sujeitinhos de agencias; o que seria da Justiça? Com que engordarião muitos Magistrados? Como passarião varios Escrivães, Letrados, e Procuradores? Se não fossem as agencias; as portas não careceriã de chaves de ferro, de fechaduras de broca, e os viandantes andarião por essas estradas com os seus corações menos inquietos.

ANECDOTAS.

O Alfaiate de Henrique 4.^o apresentou a este Monarca hum livro, que continha diversas leis para governar hum Estado. — Chamem-me o meu Chanceller para me faser huma cazaca, disse o Rei a hum dos seus Officiaes militares; já que o meu alfaiate quer promulgar leis. —

— Certo homem vendo em hum retabulo as figuras da Justiça, e da Paz, que se abraçavao, e bejavao, disse a os circunstantes, „ Considerai para a ternura com que se dizem o ultimo adeus; porque sabem, que nunca mais se haõ de ver „

— Hum Escrivão, tomando testemunhas em sua caza; como tivesse de sair logo que concluísse os depoimentos, já estava calçado, e com suas fivellas de ouro. Inquirindo a hum das taes testemunhas, perguntou-lhe de que vivia, ao que respondeu-lhe o sujeito, que das suas agencias. Não deixou de extranhar o Escrivão o quanto aquella testemunha era desassocegada, abaixando-se continuamente para apanhar, ora o lenço, ora a caixa de tabaco. Logo que o homem se retirou, viu o Escrivão, que estava sem hum das fivellas. Fez-lhe aquelle caso tanta impressão, que d'allí por diante em inquirindo em sua caza alguma testemunha, e esta dizendo-lhe, que vivia das suas agencias; chamava os escravos, fazia conduzir para dentro castiças, salva, quanto tinha em cima da meza, e só lhe faltava pôr-se nú em pelle de mède das agencias.

Pernambuco; na Typ. Fidedigna.